

UN PUEBLO SIN MEMORIA
ES UN PUEBLO SIN FUTURO



Individualização e Populismo em tempos de Insegurança Estrutural

Thiago Marques Leão

RESUMO: Nosso objetivo é discutir a relação entre o processo de individualização dos riscos socialmente produzidos e a ascensão global de governos populistas de extrema-direita na sociedade contemporânea, ou Modernidade Reflexiva. A individualização das condições objetivas de vida e a dissolução das formas sociais moderno-industriais produzem uma individualização também subjetiva, que repercute sobre as estruturas social e política. Vemos, assim, uma individualização da rede de referências sociossimbólicas e uma transformação profunda na forma como indivíduos relacionam-se consigo mesmos, com outros indivíduos e com a sociedade, nas esferas pública e privada. À medida que os espaços tradicionais de coletivização de riscos mostram-se crescentemente incapazes de lidar com os riscos que produzem reflexivamente, a ação política individual é também crescentemente orientada por uma espécie de *economia política da insegurança*, cujo capital político é disputado entre os atores tradicionais da política nacional e atores não-territorializados da economia mundial. Na ausência de projetos societais da esquerda e com a inépcia dos governos nacionais para organizar a sociedade; a rejeição aos grandes partidos e a ceticismo quanto à capacidade do sistema político-institucional em dar respostas aos problemas reais dos indivíduos contribuem para a emergência de outsiders ou políticos marginalizados com discursos violentos e populistas.

Palavras-chave: Individualização; Sociedade de Risco; Populismo; Modernização Reflexiva; Brasil.

ABSTRACT: Our aim is to discuss the relationship between the process of individualization of socially risks and the global rise of extreme right-wing populist governments in contemporary society, or Reflexive Modernity. The individualization of the objective conditions of life and the dissolution of modern-industrial society produce a subjective individualization that has repercussions on the social and the political structures. We thus see an individualization of the network of socio-symbolic references and a profound transformation in the way individuals relate to themselves, to other individuals, and to society in the public and private spheres. As the traditional spaces for collectivization of risks are increasingly unable to cope with the risks they produce reflexively; individual political action is also increasingly driven by a sort of political economy of insecurity whose political capital is disputed among traditional actors of national politics and non-territorialized actors of the world economy. In the absence of left-wing projects for society and with the ineptitude of national governments to organize it; rejection of traditional parties,

and skepticism about the capacity of the political-institutional system to respond to the real problems of individuals contribute to the emergence of marginalized outsiders or politicians with violent and populist discourses.

Key-words: Individualization; Risk Society; Populism; Reflexive Modernization; Brazil.

1. Introdução

A ascensão global de governos populistas vem preocupando e colocando em xeque a esquerda contemporânea. A preocupação principal parece ser com a vitória eleitoral dos governos populistas identificados com a extrema-direita, sobre aqueles identificados à esquerda, ou com uma direita progressista ¹; enquanto o impasse se liga à incapacidade de compreender o fenômeno, que parece escapar aos esquemas teórico-empíricos de análise, do pensamento de esquerda.

Na obra seminal de Laclau ², o populismo é caracterizado não como um movimento ou orientação ideológica particular, mas como uma *lógica política*, isto é, relaciona-se com a instituição do político a partir de demandas sociais, o que é inerente a qualquer processo de mudança social. O populismo “pressupõe a criação de um sujeito político global que reúne uma pluralidade de demandas sociais” ³, o *povo*, e uma fronteira clara entre este e um *outro* institucionalizado ao qual se opor. Não é o conteúdo das demandas, a natureza do exercício do poder, ou a orientação ideológica que caracteriza o populismo, mas a constituição do *povo* como sujeito político global, e o estabelecimento de uma relação antagônica “nós” (povo) e “eles” (“outro”). Laclau entende o *político* como o momento de instituição do social, uma vez que “se a heterogeneidade é constitutiva do laço social, sempre teremos uma dimensão política atra-

.....
1 Aproveitando, neste momento, a noção de *neoliberalismo progressista*, que Nancy Fraser (2016, 2017) utiliza para designar o alinhamento político entre correntes majoritárias de movimentos sociais (forças sociais progressistas) com forças do “capitalismo cognitivo” e financeirizado, ou setores de alta força simbólica ligadas ao capital, que encontrou expressão político-institucional nos governos de Bill Clinton, nos EUA. O “capitalismo cognitivo” [*cognitive capitalism*] pressupõe uma *economia cognitivo-cultural* típica da setores como “Wall Street, Silicon Valley e Hollywood” (Fraser 2016, 2017), *Facebook* e a indústria cultural. Caracteriza-se pelo uso de tecnologias digitais associado ao trabalho cognitivo e cultural.

2 Laclau 2013.

3 Laclau 2013, p. 182.

vés da qual a sociedade – e o povo – são constantemente reinventados”⁴. O que diferenciara o populismo de outras formas políticas, porém, será sua organização e unificação das demandas populares (múltiplas e heterogêneas), e a constituição do povo como categoria política. O populismo contingência a alta heterogeneidade das demandas, nas experiências dos indivíduos em sociedade, em torno de uma mesma identidade popular com alto investimento afetivo. Além disso, este contingenciamento é marcado pelo discurso da divisão social e da identificação do “outro”. Quanto maior (e mais artificial) o contingenciamento entre demandas – dada sua heterogeneidade –, tanto mais difícil sua unificação e a identificação clara do *inimigo* que se opõe ao povo.

Neste sentido, a contemporaneidade apresenta um desafio particularmente difícil à constituição do povo como sujeito político global. O avanço do capitalismo moderno promove a proliferação de novos antagonismos, com a emergência de novos atores, discursos e subjetivação política que tomam o centro da esfera pública, provocando uma *deslocalização da política* para além do *contêiner* do Estado-nação e dos espaços (e atores) políticos tradicionais da modernidade industrial⁵, junto à dissolução das grandes narrativas que organizavam esperanças e projetos coletivos de sociedade. Assim, como pensar a ascensão de governos populistas autoritários de extrema-direita em sociedades altamente individualizadas⁶? Por que neste contexto o populismo de esquerda, o liberalismo progressista, ou mesmo o populismo de centro-direita não são capazes de organizar as demandas de grande parte da população? O objetivo deste artigo é refletir sobre a relação entre o processo sócio-histórico de individualização e a dinâmica de emergência de novos movimentos populistas, considerando as transformações estruturais da sociedade contemporânea.

1.1 Sobre a modernização reflexiva e o processo sócio-histórico de individualização

Nas últimas décadas, a sociedade ocidental moderna experimentou mudanças profundas na sua estrutura política e social. A “novidade dessa transformação está tanto em sua extraordinária rapidez quanto

.....
4 Laclau 2013, p. 228.

5 Beck 2012.

6 Beck 2010; Beck e Beck-Gernsheim 2002.

em sua universalidade”⁷. Neste sentido, há uma consistente literatura, em maior ou menor grau convergente, que reconhece a importância e abrangência destas mudanças: *Hipermodernidade, Modernidade Líquida, Segunda Modernidade, Capitalismo Tardio, Sociedade Pós-moralista* são alguns dos conceitos que emergem no debate atual, em um esforço de caracterização da transformação paradigmática que conforma a sociedade contemporânea. Beck⁸ analisou estas mudanças no que denominou de *modernização reflexiva*, isto é, um processo de *modernização da Modernidade*, pela *autotransformação* das instituições e relações da sociedade industrial, que pela sua própria dinâmica e desenvolvimento exitoso, promoveu sua implosão e metamorfose – atravessada por contradições e efeitos colaterais não-planejados.

O agente destas transformações não é a crise do primeiro processo de modernização, mas o inerente dinamismo da sociedade moderna, seu sucesso e radicalização, “que vai invadir as premissas da sociedade industrial e abrir caminhos para outra modernidade”⁹. Há uma metamorfose da estrutura social promovida pelo progresso técnico-científico, domínio sobre a natureza, produção de riqueza, ampliação dos direitos, demandas e da democracia liberais, e as transformações no modo de produção e no mercado de trabalho – e conseqüentemente do comportamento e da consciência individuais. Nesta chave analítica, podemos ler Žižek: “é o próprio sucesso do capitalismo (alta produtividade etc.) que causa o desemprego (torna inútil uma quantidade cada vez maior de trabalhadores), e o que deveria ser uma bênção (necessidade de menos trabalho árduo) torna-se uma maldição”¹⁰.

O processo acelerado de mudança estrutural da sociedade, típico do dinamismo da sociedade industrial, remonta ao intenso contexto histórico de mudanças socioculturais e político-econômicas de alcance global, que culmina no paradigmático ano de 1989, com o fim do antagonismo Oriente-Occidente, a hegemonia do projeto capitalista e a dissolução do “inimigo ao Leste”¹¹. Com a queda do Muro de Berlim, cai o inimigo da democracia liberal, e a sociedade mundial que vivia seus regimes

.....
7 Hobsbawm 1995, p. 283.

8 Beck 2010, 2012

9 Beck 2012, p. 14

10 Žižek 2012, p. 14

11 Latour 1994; Hobsbawm 2009, 2007; Beck 2010, 2012

políticos pautada pela luta e antagonismo recíprocos, perde, em grande parte, seu direcionamento e bandeira de ação¹². Com as transformações sociais das últimas décadas, os indivíduos perderam suas certezas modernas, ligadas a lugares sociais pré-determinados para homens e mulheres e a família nuclear, de identidades de classe, do binômio esquerda-direita e assim por diante. As pessoas são remetidas à “solidão da autorresponsabilidade, da autodeterminação e da autoameaça do viver e do amar, para as quais não estão preparadas, tampouco equipadas pelas condições externas”¹³. As instituições fundamentais da sociedade industrial não são mais capazes de promover segurança social, tampouco de atuar como referenciais simbólicos ou espaços de coletivização de riscos.

Em um quadro generalizado de riscos e insegurança, o Estado e os atores tradicionais da política (partidos, sindicatos, representantes eleitos) cedem espaço no centro do *palco* e, em seu lugar, novas possibilidades paulatinamente ensaiam e tomam a cena. Há uma *tomada* da política por novos atores e discursos, tradicionalmente vistos como *não-políticos*, ou que se apresentam como *outsiders*, e que por vezes não se encaixam nos esquemas do pensamento político tradicional. Os indivíduos já não reconhecem a legitimidade e o poder socialmente conferidos à política estatal, partidária e democraticamente organizada¹⁴, as eleições são definidas pelo “eleitor estrategista”¹⁵ ou “tático”¹⁶, distanciado e autônomo em relação aos partidos políticos: “o momento é da identidade política refletida e desinstitucionalizada” *idem*.

À medida em que há uma dissolução das instituições, seguranças e referenciais sociossimbólicos¹⁷ – determinantes na condução da vida individual, nos processos de subjetivação e intermediação entre indivíduos e a realidade social –, os indivíduos são convocados a avaliar os riscos, tomar decisões e responsabilizar-se individualmente pelas con-

.....
12 Beck 1998

13 Beck e Beck-Gernsheim 2017, p. 18

14 Beck 2003.

15 Lipovetsky e Serroy 2011, p. 50.

16 Lipovetsky 2007, p. 40.

17 É *mister* explicar que a ideia de *dissolução* não significa *desaparecimento*, mas a deterioração das formas sociais que tradicionalmente delimitariam o fenômeno e sua *metamorfose* contemporânea.

seqüências destas escolhas. Os indivíduos, hoje, vivem radicalmente os impasses de “múltiplos investimentos ideológicos na questão da escolha” e são impelidos a atuar sem, contudo, ter “coordenadas cognitivas básicas necessárias para fazer uma escolha racional”¹⁸. O processo de modernização reflexiva “fez desmoronar o sistema intrassocial de coordenadas da sociedade industrial: sua compreensão da ciência e da tecnologia, os eixos entre os quais se estende a vida das pessoas: família e profissão, a distribuição e a separação entre política democraticamente legitimada e subpolítica”¹⁹. Hoje, agentes *externos* ao sistema político tradicional disputam o planejamento e a conformação das relações de poder, em meio à individualização dos riscos e ampliada insegurança social, com o fim das grandes utopias e projetos políticos estruturantes.

Sobrecarregados pela (auto)responsabilização individual, vivenciamos ansiedade, impasses e inação, isto é, sentimo-nos incapazes de decidir e agir. Estes não são impasses apenas íntimos e particulares, mas radicalmente sociais: as escolhas nunca são feitas individualmente, como se houvesse indivíduos escolhendo *fora da sociedade*²⁰. Por isto, as escolhas precisam ser avaliadas, negociadas, justificadas e sustentadas como riscos assumidos individualmente²¹, tornando as identidades (e identidades políticas) cada vez mais inconstantes e inseguras. Neste contexto de abertura da ação política (e negação da política tradicional), há uma busca crescente por discursos que organizem a sociedade e aliviem o imperativo de escolha e responsabilização individual, respondendo à desestabilização subjetiva generalizada *idem*.

Este é o quadro duplo e contraditório do *processo sócio-histórico de Individualização*: de um lado os indivíduos se desoneram dos vínculos tradicionais da sociedade industrial moderna, mas, de outro, são pressionados pelas demandas e regulações do mercado de trabalho e das necessidades de consumo e subsistência, a se auto-inventar, escolher e atuar frente aos riscos que escapam às instituições, e responsabilizar-se individualmente pelos riscos socialmente produzidos. Hoje, o indivíduo se converte em unidade reprodutiva e de (auto)significação da sociedade, à medida em que há uma individualização da rede de referências so-

.....
18 Žižek 2011, p. 60-1

19 Beck 2010, p. 107

20 Salecl 2012, p. 21

21 Beck e Beck-Gernsheim 2002

ciossimbólica e dissolução das instituições e instâncias sociais identificadas com o Grande Outro na modernidade industrial^{22, 23}. A biografia das pessoas passa a ser construída por escolhas individuais, uma autobiografia reflexiva baseada em riscos e incertezas, na qual “elas se veem obrigadas (...), sob pena de prejuízo material, a construir uma *existência própria* por meio do mercado de trabalho, da formação e da mobilidade e, se necessário, impor e conservá-la em detrimento dos laços de família, parceria e vizinhança”²⁴.

Há três dimensões deste processo sócio-histórico de individualização: primeiramente a (i) flexibilização e liberação com relação às formas sociais da sociedade industrial, estabelecidas historicamente (dimensão de libertação), (ii) a perda de seguranças tradicionais devido às transformações na realidade social (dimensão de desencantamento) e (iii) uma nova forma de enquadramento, controle e reintegração que se impõe pelas autobiografias institucionais (dimensão de reintegração). Isto tem impacto estrutural sobre a sociedade, atingindo como o indivíduo relaciona-se consigo mesmo, com outros indivíduos, e com as instituições sociais e políticas. Considerando este cenário, tentaremos contribuir para as reflexões sobre o populismo na contemporaneidade.

2. Política de vítimas

Com a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, o mundo viveu uma reconfiguração de forças no cenário global. Foi uma declaração, transmitida em tempo real para todos, de que as utopias socialistas haviam encontrado seu fim²⁵. Sem o grande antagonismo Ocidente-Oriente, houve uma dissolução das balizas que orientavam a ação política – desde os movimentos sociais e partidos da política local, até a ordem geopolítica mundial. É justamente a desintegração deste antagonismo que intensifica e radicaliza a oposição entre esquerda e direita, como ordenação da ação política. Neste sentido, “a ciência empírico-política confirma a importância e o significado do padrão esquerda-direita na percepção popular”²⁶. Contudo, para Beck, a dicotomia se inclui entre

.....
22 Salecl 2012, p. 21

23 Žižek 2010

24 Beck e Beck-Gernsheim 2017, p. 18

25 Latour 1994

26 Beck 2012, p. 72

os vários conceitos político-sociais que se mostram insuficientes para explicar a política institucional hoje – ainda que sua importância pragmática não possa ser subestimada.

Do ponto de vista das políticas econômicas, há uma crescente indistinção entre governos que se declaram de esquerda e aqueles de direita. Se tomarmos o caso do Brasil, a intocável política macroeconômica fundamentada em metas de inflação, *superávit* primário e câmbio flutuante – adotada pelos governos Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Lula da Silva e Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), Michel Temer (MDB) e sua continuidade anunciada por Paulo Guedes, mentor econômico do Presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL) – é evidência desta indistinção. Então, seria uma questão de que, apesar de uma mesma política macroeconômica, apesar da privatização e abertura ao capital privado, haveria uma distinção entre um neoliberalismo conservador de direita e um neoliberalismo progressista da esquerda?

Neste sentido, Fraser discute o cenário estadunidense a partir da oposição entre um *neoliberalismo progressista* e um *populismo reacionário*²⁷. Ainda que, ao pensar no populismo reacionário, sejamos remetidos às figuras de Trump, nos EUA, ou de Jair Bolsonaro, no Brasil, o que pensar sobre o governo de Maduro na Venezuela ou sobre o ornitorrinco chinês? Por outro lado, quanto aos governos progressistas do ex-Presidente Barak Obama, dos EUA, ou de Justin Trudeau, no Canadá: seria possível considerá-los de esquerda porque progressistas? Certamente, Emanuel Macron tem um discurso progressista. Contudo, seria difícil conciliar suas políticas de austeridade à imagem tradicional da esquerda. Assim, também a distinção entre uma direita neoliberal e uma esquerda anticapitalista parece perder força – todos parecem dividir a cama (de forma mais ou menos explícita) com as práticas e a ideologia neoliberal. Da mesma forma, apesar de o PT ainda organizar as pautas progressistas, é difícil conciliar suas origens popular-trabalhistas com o lucro obscuro de bancos e empreiteiras durante o Governo do ex-Presidente Lula da Silva, ou com a criminalização dos movimentos sociais promovida pela Lei Antiterrorismo (Lei n.º 13.260 de 2016), proposta e sancionada pela ex-Presidente Dilma Rousseff.

A distinção entre progressistas e conservadores – que parece ser uma das ancoragens em que indivíduos, isoladamente ou organizados em grupo, se apoiam para constituição de identidades políticas –, mostra-se, assim, igualmente problemática. De forma muito mais clara

.....
27 Fraser 2016

até a meados do século XX, a direita se identificava com o conservadorismo reacionário, enquanto a esquerda era o bloco da mudança e da revolução²⁸. Vemos hoje, contudo, uma direita composta por grupos com tendência moralmente conservadora (sobre temas como o aborto, endurecimento de penas, religiosidade, valores familiares tradicionais), mas “muito favorável a mudanças sociais radicais”²⁹ no mundo do trabalho e do consumo, e de inovações tecnológicas. “Todas as variantes neoconservadoras de uma política de limitação da ação individual caem nesta contradição. Ao mesmo tempo, as pessoas querem ser reacionárias na cultura e nas políticas sociais, e modernistas, sem limitações, na economia, tecnologia e política militar”³⁰. No Brasil, diferentes grupos sociais alinhados à direita, e que não se sentiram beneficiados (mas alijados) pelo *neoliberalismo progressista* do PT, buscam mudanças associadas ao espectro de direita para remediar os sentimentos de insegurança e inadequação social generalizadas: redução do Estado e privatizações, protagonismo do setor privado, desburocratização da atividade empresarial, redução de benefícios sociais, desonerações ao empregador, e assim por diante. Por outro lado, uma esquerda cada vez mais *conservadora* politicamente, que brada bandeiras de conservação ou retomada de uma estrutura político-institucional diretamente responsável por políticas neoliberais, de intensificada exploração dos trabalhadores, financeirização da economia e promotora de insegurança social, e que deu condições à emergência de um governo populista de extrema-direita.

Constituiu-se no Brasil do *stablishment* político, que busca manter o *status quo*, a política econômica e o desenvolvimentismo nacional, bem como a cultura política que organiza o Brasil desde a redemocratização, e na qual se inserem as dinâmicas institucionais estabelecidas entre os governos petistas e partidos fisiológicos da base aliada. Uma esquerda conservadora que se opõe à esquerda revolucionária e atua para manter a ordem, para cooptar ou reprimir, e criminalizar insurgências populares. Sem promover transformações estruturais e trabalhando pela manutenção da ordem estabelecida, os governos petistas organizaram-se nos moldes *neoliberal-progressistas*, com políticas públicas de inclusão pelo consumo e de reconhecimento de identidades (crescentemente) individuais, em uma “uma política que opera dentro do sistema de regras

.....
28 Hobsbawm 2009.

29 Hobsbawm 2009, p. 92

30 Beck 1998, p. 165.

da sociedade industrial e do *welfare state* no Estado-nação (ou, em outros termos, a modernidade simples)”³¹, e marcados pela “redefinição contemporânea da política como a arte da administração competente, ou seja, a política sem política”³².

A oposição entre progressismo e conservadorismo parece ter um sentido muito mais moral e identitário, do que propriamente da oposição entre transformação e manutenção do *status quo* político-social. Direita e esquerda convergem mais uma vez, assumindo cada vez mais uma retórica alinhada com a defesa de determinados valores morais, liberdade e identidades individuais, ainda que os temas que articulam esta liberdade, identidade e moralidade sejam diferentes e mesmo, em aparência, contraditórios. Perde-se a dimensão do *comunal*, “toda universalidade, toda característica que percorra o campo por inteiro é rejeitada como opressora”³³, isto é, o reconhecimento de uma violência coletiva é entendido como anulação ou não reconhecimento da opressão individual e, portanto, é rejeitado como uma violência em si.

Ao individualizar seus pressupostos, demandas e raio de ação, a esquerda implode os fundamentos para uma existência auto-organizada e autoconsciente, em outras palavras, os fundamentos de sua atuação política³⁴. As lutas coletivas, que caracterizavam a esquerda tradicional, perdem espaço para a afirmação da individualidade, da diferença-singularidade e noções como lugar-de-fala e empoderamento individuais reorganizam a militância sob o marco liberal³⁵. Apesar de articuladas sobre um referencial distinto, o progressismo de esquerda e o individualismo de direita compartilham um núcleo ideológico comum, que toma o indivíduo como *princípio e fim* incondicional³⁶ da realidade social e da ação política. As duas perspectivas, ainda que em cores distintas, buscam “as benesses da autonomia individual, maior capacidade de escolha e cres-

.....
31 Beck 2012, p. 62

32 Žižek 2003, p. 25

33 Žižek 2011, p. 47

34 Beck 2003

35 Fraser 2013, 2016, 2017

36 O soneto “Fanatismo”, da poetisa portuguesa Florbela Espanca, termina com os versos finais “Ah! Podem voar mundos, morrer astros, / Que tu és como Deus, princípio e fim”.

cimento meritocrático”³⁷, em outras palavras, esquerda e direita elegem o indivíduo (e não a coletividade) como “referencial último da ordem democrática”³⁸.

A perspectiva da *singularidade individual* obsta a dimensão do comum, da oposição às violências, opressões e exploração coletivas. A oposição às violências estruturais, que na sociedade industrial uniriam oprimidos de um lado e opressores de outro, é preterida em nome da experiência individual e particular que se opõe à coletivização da reflexão e ação políticas. Esta perspectiva parte da premissa de que “a autoridade é conferida (apenas) aos que falam da posição de vítima”³⁹, da pessoa que sofre, direta e individualmente, as consequências de determinado fenômeno. A política identitária organiza-se sobre bases de uma racionalidade *pós-moderna*, no sentido de um profundo relativismo, ao mesmo tempo em que as pessoas se investem de “fundamentalismo, alegando que só se pode experimentar e conhecer nossa verdade – isto é, a verdade dos grupos minoritários – sendo membro desses grupos”⁴⁰. Isto leva a um oxímoro difícil de romper: uma mescla de relativismo e fundamentalismo em torno das identidades individuais que fogem aos discursos de justificação idem.

Este “relativismo fundamentalista” de identidades individuais vem transbordando as fronteiras das minorias e dos militantes de esquerda. Ele é assumido “por todas as identidades possíveis, que sempre procuram voltar às origens em busca de um novo ponto de apoio e, assim, tentar unir relativismo e fundamentalismo” idem, organizando também grupos de direita e extrema-direita em torno de valores nacionalistas, identidades masculinas e sexualidade heteronormativas, valores tradicionais e religiosos e assim por diante. A “lógica da vítima”, auto-evidente e que só pode ser acessada intragrupo, articula também o discurso “politicamente incorreto”, que convoca à reação contra as minorias “privilegiadas” por políticas sociais, de cotas e redistribuição de renda, políticas de “ideologia de gênero” e “doutrinação ideológica” que vitimizariam o cidadão de bem, arruinando valores tradicionais que lhes davam (aparente) segurança social e ontológica.

.....
37 Fraser 2017-a

38 Lipovetsky e Serroy 2011, p. 47.

39 Žižek 2003, p. 14

40 Beck 2003, p. 92.

A dinâmica individualizatória – com a dissolução dos referenciais de compreensão, posicionamento e ação políticas – implode os marcos da ação coletiva e aumenta o sentimento geral de inadequação e insegurança. Processo que é reforçado pelo “relativismo fundamentalista” dos grupos identificados tanto à esquerda, quanto à direita do espectro político. Os indivíduos individualizados recorrem, assim, às identidades imediatas, às comunidades particulares, étnicas, religiosas nacionais e assim por diante. “A identificação dos indivíduos afirma-se cada vez menos pela adesão a princípios políticos gerais e cada vez mais por referenciais dependentes da história, da cultura, do religioso, da etnicidade”⁴¹. A individualização nestes termos leva à subjetivação das identidades políticas e, assim, das demandas, conflitos e antagonismos políticos – cada vez mais percebidos como pessoais e particulares, e descolados de seus contextos sócio-históricos de formação e de possibilidades de oposição.

Se, como disse Žižek⁴², a autoridade advém do lugar de vítima da opressão, disputa-se o lugar de mais oprimido. Sob a bandeira de universalizar direitos e reconhecer diferenças, adotou-se o discurso neoliberal de que não há experiência coletiva, não há sociedade, há apenas indivíduos. Para Hobsbawm este é um ponto de inflexão da esquerda, onde *a luta por liberdade individual se opõe à luta por liberdade coletiva*: há um esvaziamento da política, uma vez que a “política democrática só existe em função e na medida em que é possível organizar os indivíduos e fazer com que atuem coletivamente”⁴³. O empoderamento e reconhecimento de minorias foram reinterpretados por um viés individualista e liberal⁴⁴. Por sua vez, o discurso neoliberal da direita incorpora progressivamente a agenda das identidades privadas: “Ideais como diversidade e empoderamento, que poderiam em princípio servir a diferentes fins, hoje dão brilho a políticas que destruíram a indústria e tudo aquilo que antes fazia parte da vida da classe média”⁴⁵. É este aparente oxímoro que Fraser denomina de *neoliberalismo progressista*, resultado de uma esquerda que perde sua crítica estrutural, alinhando-se ao *establishment* financeiro e

.....
41 Lipovetsky e Serroy 2011, p. 52.

42 Žižek 2003.

43 Hobsbawm 2009, p. 99

44 Fraser 2013

45 Fraser 2013

político ⁴⁶.

Assim, não é para o campo propriamente político, mas para o campo moral que a disputa se desloca. No lugar das lutas contra a exploração, a disputa se dá no campo do *reconhecimento*. E não se trata apenas de uma disputa entre reconhecer e não-reconhecer (invisibilizar), mas entre o *quê* reconhecer. Quem é a vítima? Quem deve ser reconhecido? A vítima são os imigrantes que fogem de zonas de conflito e sofrem com o preconceito por vezes violento dos nativos, ou os nativos que teriam seus empregos roubados por trabalhadores ilegais e segurança ameaçados por “traficantes de drogas, criminosos e estupradores” ⁴⁷. Quem são as vítimas, os que se sentem ameaçados pela homofobia ou os que se sentem ameaçados pela dissolução de valores tradicionais? A resposta parece tão óbvia para quanto para os outros, assim como é irracional não ver esta obviedade. É esta a disputa que se coloca na esfera pública, enquanto a política econômica e o sistema de exploração avançam sob aplausos (ou silêncio obsequioso) de partidos identificados à esquerda e à direita. Isto reflete um conservadorismo que não é político, mas moral. E uma disputa que não é coletiva, mas individual: entre aqueles que levantam as bandeiras do reconhecimento (seja ligado a novas identidades de gênero ou a valores tradicionais, por exemplo), não apenas universalidade é opressora ⁴⁸, como há uma rejeição aos grandes grupos e partidos, aos atores tradicionais da política moderna e à Política institucional de forma geral. Aquilo que restringe as identidades individuais é rechaçado, e o indivíduo apenas conhece aquilo em que, de alguma forma, vê-se refletido.

“O momento é das identidades políticas mais individualizadas, mas também mais hesitantes e incertas” ⁴⁹. A disputa pelo lugar de vítima organiza (sem resolver) a crescente insegurança generalizada, seja pela perda de referenciais sociossimbólicos da experiência social – tanto na esfera pública quanto privada –, seja quanto às condições mínimas da existência material ⁵⁰, à medida em que há uma “tendência institucional

.....
⁴⁶ Fraser 2017

⁴⁷ “*Drug dealers, criminals, rapists*”: *What Trump thinks of Mexicans*. BBC News, disponível em: <https://goo.gl/MxFNbN>.

⁴⁸ Žižek 2011.

⁴⁹ Lipovetsky e Serroy 2011, p. 50.

⁵⁰ Beck 2010.

à individualização” e os requisitos de segurança sociais são, institucionalmente, direcionados aos indivíduos inseridos no trabalho produtivo, e não à coletividade ⁵¹. A subjetivação desta insegurança – “no sentido de que crises sociais se manifestam *como* crises individuais e já não são percebidas em sua dimensão social” – e a gramática do sofrimento individual organizam o indivíduo no lugar de vítima, e os antagonismos sociais e contradições estruturais subjetivados demandam uma razão política que una estas demandas tão fluídas e heterogêneas, sob um discurso de autoridade e força capaz de punir o ofensor.

O capitalismo irrestrito, que costura as políticas institucionais de governos de esquerda e direita, e a destradicionalização da sociedade moderno-industrial estão na base do renascimento global do populismo de extrema-direita, que organiza o medo e insatisfação de seções intermediárias e economicamente vulneráveis, que se dão conta de que não ganham participação nos benefícios gerados pelos períodos de crescimento econômico e avanço capitalistas ⁵² – mesmo em governos identificados com a esquerda. A insegurança só aumenta, seja entre trabalhadores do centro-oeste estadunidense, das periferias francesas, ou dos grandes centros urbanos brasileiros e, com ela avançam os movimentos e vitórias políticas da extrema-direita.

3. Individualização subjetiva e a ascensão global do populismo autoritário

Como explica Ianni ⁵³, “toda configuração social de vida e trabalho compreende sempre quadros mentais de referência. As atividades dos indivíduos e coletividades compreendem sempre modos de ser, agir, pensar e imaginar”, historicamente determinados. Estes quadros mentais mudam conforme muda a sociedade, mas não apenas conjunturalmente. Ainda que se possa reagir de forma diversa em situações adversas e que fogem à normalidade (situações de crise conjuntural), as mudanças sociais subjetivas acompanham as mudanças objetivas dos modos de vida e se dão como processo sócio-histórico de formação dialético.

Assim, na contemporaneidade, a transformação social (individualização) das condições objetivas de vida implica em uma transformação (individualização) também subjetiva, que repercute sobre as estruturas

.....
⁵¹ Beck 2007.

⁵² Beck 2007-a.

⁵³ Ianni 2014, p. 216.

social e política. Lembremos, com Marx e Engels⁵⁴, que quem pretende pensar o mundo sob uma perspectiva materialista-dialética deve compreender a conexão necessária entre as estruturas social e política, os modos de produção e a subjetividade. As transformações nas condições objetivas de vida em sociedade são acompanhadas de transformações subjetivas – as formas de sofrer, sentir, produzir, consumir, pensar (a si mesmo e a) o mundo, atuar politicamente e assim por diante –, em um fenômeno distinto da pura ideologia⁵⁵, que resulta do processo sócio-histórica e material de subjetivação. Segundo Marx e Engels, “as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material (...), os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar”⁵⁶.

As representações, ideias e pensamentos que (consciente e inconscientemente) organizam a experiência dos indivíduos em sociedade são “emanação direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo”⁵⁷. Estes grandes marcos de ordenação sociossimbólica são determinados historicamente e “condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formulações mais desenvolvidas [e] do seu processo histórico de vida” idem. Neste sentido, as transformações no mundo do trabalho, na família e nas relações de gênero, na política local e global, e assim por diante, relaciona-se dialeticamente com uma transformação profunda nas formas como os indivíduos relacionam-se consigo mesmos, com outros indivíduos e com a sociedade⁵⁸.

Žižek⁵⁹ (aproximando-se de Beck) sintetiza bem a mudança para-

.....
54 Marx, Engels 2007.

55 Como explica Horkheimer 2015 (p. 21), não se trata apenas de manipulações ideológicas, “mas, sim, a estrutura psíquica total destes grupos, isto é, o caráter de seus membros se renova constantemente em relação com seu papel no processo econômico”.

56 Marx e Engels 2007, p. 93-4.

57 Marx e Engels 2007, p. 93-4.

58 Leão 2018.

59 Žižek 2012, p. 252.

digmática que o processo sócio-histórico de individualização promove na subjetividade contemporânea, pelo “modo como nossa postura subjetiva fundamental passou de ‘tenho fome’ para ‘tenho medo’”. E como síntese, este é um bom lugar para começar: a sociedade contemporânea é atravessada por um sentimento estrutural de insegurança e ansiedade, promovido pelos processos históricos de modernização reflexiva e de individualização. Ninguém mais está certo sobre o que antes era uma biografia *normal* socialmente compartilhada ⁶⁰, agora inundada por incertezas, desde as mais íntimas sobre os novos arranjos familiares e relações de gênero, a flexibilização das relações de trabalho e o medo constante do desemprego, até a des-identificação com a política institucional. Mesmo o discurso científico, detentor da verdade final sobre o mundo moderno tradicional, é posto em questão e perde sua capacidade explicativa e estabilizadora da experiência social. É como se não houvesse mais ninguém no *volante*, como se “ninguém [estivesse] se ocupando da sociedade como um todo” ⁶¹ – como no filme “*Apertem os cintos, o piloto sumiu*” ⁶², espera-se que alguém assuma o controle do avião, mesmo que seja um piloto inflável. Nas palavras de Žižek:

O que o advento da “sociedade de risco” ⁶³ afeta não é apenas a Tradição ou outra referência simbólica confiá-

.....
⁶⁰ Suzuki *et al* 2010.

⁶¹ Salecl 2012, p. 19.

⁶² *Airplane!* [“Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu!”]. Direção Jim Abrahams, David Zucker e Jerry Zucker. 1h25min. Estados Unidos da América: Paramount Pictures, 1980. Ficção.

⁶³ A “Sociedade de risco” [*Risikogesellschaft*] é o conceito mais popular de Beck e um dos mais subestimados. Com grande repercussão mundial por sua aplicabilidade às situações de risco e desastres naturais, perde-se de vista a análise socioestrutural que fundamenta o conceito de sociedade de risco e reduz-se consideravelmente as formulações de Beck. No Brasil, notadamente, a discussão mais ampla sobre as transformações socioestruturais, sobre o indivíduo, a política e as instituições sociais contemporâneas é *ignorada*, e os estudos de Beck concentram-se, sobretudo, na área ambiental ou de Direito Ambiental, especificamente. A principal publicação de Beck sobre a Sociedade de risco é o seu livro “*Risikogesellschaft: auf dem Weg in eine andere Moderne*” de 1986 (Beck 2010). A discussão internacional sobre a “Sociedade de Risco” tende a se concentrar nos argumentos sobre o risco (1ª parte do livro) e pouco, ou nada, é dito sobre os argumentos em torno da individualização (2ª parte). Para remediar esta situação, argumenta Beck, o livro “*Individualization*” (Beck e Beck-Gernsheim 2002).

vel, mas a própria Instituição simbólica num sentido muito mais fundamental do funcionamento da ordem simbólica: com o advento da sociedade de risco, a dimensão performativa da confiança e do compromisso simbólicos é potencialmente minada.⁶⁴

De forma homóloga à individualização das instituições da sociedade industrial, o processo de modernização reflexiva atinge a Ordem sociossimbólica, promovendo um processo que poderíamos chamar de *subjetivação reflexiva*. A dissolução reflexiva da rede de referências sociossimbólica, ou a *Individualização do Outro* em termos lacanianos, dá-se pela dissolução e desincorporação das instâncias referenciais identificadas com o Grande Outro⁶⁵ na modernidade industrial: família, Estado, atribuições de gênero, nacionalidade, classe social, saber científico, sexualidade e assim por diante. Estes laços tradicionais, por um lado, restringiam “com rigor as possibilidades de escolhas dos indivíduos”, mas também ofereciam um sentimento de segurança, pertencimento, estabilidade e identidade interior⁶⁶. Em seu lugar, “novas formas de condução da vida, no nível socioestrutural novas possibilidades bem como exigências, e no nível subjetivo novos modos de pensamento e comportamento” idem em que se tem a *percepção de que não há ordenação simbólica* ou que houve uma *dessimbolização* do mundo e de que o indivíduo está *abandonado à própria liberdade*.

Em verdade, não se trata de uma sociedade dessimbolizada, mas de um Outro instaurado historicamente sobre novas formas. A *sensação* de total liberdade se traduz como uma liberdade precária e insegura à medida em que, apesar de o indivíduo se perceber livre e autônomo, faltam-lhe referenciais e condições cognitivas básicas para avaliar, decidir-se a atuar no mundo, ao tempo em que a vida dos indivíduos individualizados torna-se cada vez mais claramente dependente de relações e decisões que escapam totalmente ao seu controle⁶⁷. Os imperativos de (auto)construção biográficas e (auto)responsabilidade individual são incorporados subjetivamente e, assim, balizam as relações sociais e a

.....
64 Žižek 2016, p. 359.

65 Salecl 2012, p. 21.

66 Beck, Beck-Gernsheim 2017.

67 Beck, Beck-Gernsheim 2017, p. 56.

autocompreensão individual. Na medida em que as novas formas de enquadramento e reintegração se tornam *egocentradas*, a possibilidade de simbolização das experiências se desloca para o próprio indivíduo e se esvanece. Isto é o que chamamos de *Individualização do Outro e Subjetivação Reflexiva*⁶⁸.

A subjetivação reflexiva faz emergir *subjetividades de risco*, com indivíduos que se percebem em uma relação *imediate* com os riscos (de fracasso e sucesso) biográficos e que se sentem em contato direto (e traumático) com o *Real*, fenômeno que Beck identificou e nomeou como uma *imedição entre indivíduo e sociedade* “no sentido de que crises sociais se manifestam *como* crises individuais e já não são percebidas em sua dimensão social”⁶⁹. As incertezas e inseguranças são coletivamente individualizadas, e não apenas se desestabiliza a confiança pública nas instituições, como há um sentimento geral de que as biografias *normais* se tornaram *biografias de risco*: se em outras gerações, pais e avós concluíram os estudos, entraram no mercado de trabalho, casaram, tiveram filhos e netos e se aposentaram em relativa segurança; hoje, ninguém mais olha para o futuro com segurança⁷⁰.

Individualização significa também a necessidade de desenvolver uma biografia própria, livre de predeterminações coletivas, e realizada individualmente, e as identidades sociais ou de grandes grupos tornam-se cada vez mais abstratas e distantes. A formação educacional, o mercado de trabalho, a seguridade social, as determinações jurídicas, políticas públicas e assim por diante, devem ser realizadas individualmente: com a o processo de individualização, entramos em uma dinâmica institucional endereçada ao indivíduo, em que os riscos são depositados sobre os seus ombros e não mais sobre os grupos ou coletividades, majoritariamente⁷¹.

Sobrecarregados, os indivíduos se sentem intensamente inseguros sobre as condições materiais de existência, e há tempos essa *angústia existencial* atingiu o conjunto da classe média e média-baixa com impactos notáveis sobre seu comportamento político. Tanto a subsistência material quanto os atuais sistemas de previdência dependem da par-

.....
68 Leão 2018.

69 Beck 2010, p. 147

70 Beck 1998.

71 Beck 2003, p. 69.

ticipação no mercado de trabalho, sendo esta a condição objetiva para segurança social. Contudo, o mundo do trabalho oferece cada vez menos segurança, dada a sua crescente flexibilização, e perda de estabilidade e poder negocial dos trabalhadores, distanciando-se das dinâmicas laborais da modernidade industrial ⁷².

Junto à insegurança social *objetiva* (das condições materiais de vida), implodem também os referenciais de orientação e significação *subjetivas*. Ingressamos em uma modernidade *destradicionalizada*, em que “a liberação do indivíduo se opõe diametralmente à família até agora presa à tradição, assim como à ordem econômica e social determinada pela religião” ⁷³, não sendo uma surpresa que a reação a isto seja a reafirmação da família, dos valores tradicionais e da religiosidade. Uma das formas de reação à individualização é uma espécie de *nostalgia reacionária* ⁷⁴ contra novas formas de família, relacionamentos, sujeitos de direitos, ao Estado “fraco” e aos desarranjos da política institucional incapazes de promover as seguranças básicas que são exigidas por uma sociedade despojada de tradições.

Segundo Lipovetsky⁷⁵, “nosso século registra uma ampla corrente de desconfiança, de ceticismo, de descrédito diante do sistema político”, que só aumenta. À medida em que os atores políticos tradicionais se mostram incapazes de lidar com os riscos e crises políticas que produzem ⁷⁶, são percebidos como incompetentes, privilegiados, corruptos, distantes das verdadeiras preocupações do povo e assim por diante. No Brasil, a expressão “político é tudo igual” carrega parte desta percepção de que o sistema político como um todo é corrupto, ineficiente e nocivo ao interesse público que deveria representar. Neste cenário, o *populismo de extrema-direita volta à ativa*. Nas condições da sociedade individualizada, o reacionarismo motivado pela insegurança e as subje-

.....
⁷² Beck 2000.

⁷³ Beck 2003, p. 85

⁷⁴ Talvez a expressão pareça redundante. Mas ao nos referimos não apenas ao reacionarismo, mas a uma *nostalgia*, fazemos referência à lembrança romantizada em relação ao passado e a concomitante impossibilidade de resgatá-lo plenamente. Como no romance de Machado de Assis (1997), a nostalgia reacionária funciona à imagem de um Dom Casmurro que quer reconstruir no Engenho Novo a casa em que se criou na Rua Mata-Cavalos.

⁷⁵ Lipovetsky 2007, p.36.

⁷⁶ Beck 1998.

tividades de risco é terreno fértil para a constituição de um *nacionalismo pós-moderno*⁷⁷, que revive o antigo nacionalismo e crie novas identidades nacionais individualizadas, e desprovidas de grandes narrativas ou projetos políticos estruturantes. Enquanto a ideologia neoliberal oferece uma racionalidade aparentemente apolítica, as condições de existência em sociedade ainda pressupõem uma cultura democrático-liberal que o neoliberalismo desmonta sistematicamente, propiciando a emergência de formas políticas não democráticas e antidemocráticas idem. Porém, como alerta Lipovetsky, “convém não analisar o panorama hodierno pela cor do passado”⁷⁸: o sujeito político organizado pelo movimento populista de extrema direita, apesar de sua desilusão e rejeição à política institucional, mantém um respeito profundo pela democracia liberal: “a época individualista hipermoderna transcorre em meio à pacificação política dos sentimentos de decepção” idem. Por isso, a bravatas que atentam contra as instituições democráticas (desgastadas), ou contra as liberdades individuais, são amplamente rechaçadas. Apesar de uma minoria (barulhenta) que fala em ditadura militar, e da nostalgia reacionária de tempos que se imagina mais seguros, ninguém está disposto a abrir mão da liberdade, flexibilidade e mobilidade adquiridas com o processo de individualização e a destradicionalização das formas sociais moderno-indústrias.

O autoritarismo e violência dos governos populistas de extrema-direita se dá, portanto, pelo que Beck idem chama de *autoritarismo democrático*: a combinação entre formas autoritárias e formas democráticas de governo, em que as primeiras tendem a adquirir maior importância em relação às últimas, à medida em que se forma um consenso social em torno da necessidade se promover condições de segurança a todo custo. À medida em que os governos perdem controle sobre a economia e as relações assumidas no mercado de trabalho, há uma abertura cada vez maior aos movimentos antidemocráticos de reforma, tanto por parte dos governos que querem reafirmar sua (perdida) capacidade de interferir sobre a realidade social, quanto por parte dos indivíduos que sentem-se cada vez mais inseguros e desencontrados.

E isto é fundamental: *a ascensão global do populismo não é consequência do processo de individualização, mas uma reação ao processo de individualização*. Reação à perda de seguranças tradicionais, reação à di-

.....
77 Beck 2003.

78 Lipovetsky 2007, p. 37.

menção de libertação e dissolução das formas tradicionais da sociedade moderno-industrial, das exigências subjetivas, da dissolução da rede de referenciais sociossimbólica, às subjetividades de risco e à sensação de imediação traumática com o Real, e assim por diante. É uma tentativa de fuga ou retorno a valores, relações e instituições tradicionais da sociedade industrial. E é a extrema-direita que vem assumindo o papel de organizar e contingenciar as demandas populares heterogêneas e fluídas que derivam da insegurança estrutural da sociedade contemporânea. Conforme a distinção entre partidos tradicionais de esquerda e de direita se torna mais e mais nebulosa, e se mostram incapazes de oferecer um projeto político-societal estruturador, ou mesmo um horizonte comum de esperanças e transformação; é a extrema-direita que contingencia a alta heterogeneidade das demandas, nas experiências dos indivíduos em sociedade, *organizados como sujeito político global*⁷⁹, uma mesma identidade popular com alto investimento afetivo em torno do medo e em oposição a um outro institucional responsável pela crise e insegurança: o sistema político tradicional e, notadamente, a esquerda.

O populismo de extrema-direita aparece como um outsider, uma vez que eram efetivamente marginalizados pelo *stablishment* político tradicional. É o que vemos nos EUA, na Áustria, na França, na Suécia e, recentemente, no Brasil, com movimentos populistas, muitas vezes xenófobos, contrários às políticas consideradas progressistas voltadas para minorias e para a assistência social. É sob governos neoliberal-progressistas que as pessoas experimentaram a dissolução de suas seguranças tradicionais, os avanços neoliberais e o agravamento da crise econômica, desemprego, perda de poder de compra e assim por diante. A decepção com o sistema político-partidário e a disputa em torno do lugar de vítima exigem respostas violentas, capazes de apaziguar o desejo de reparação-vingança, que está no cerne da posição política de vítima. E é o populismo de extrema-direita que se habilita a dar essa resposta violenta, que “só é possível porque encontra aceitação no próprio seio da sociedade e porque os agentes se sentem representantes ativos de uma expressão latente da vontade das pessoas de bem e, por esse motivo, têm a coragem de fazer o que os outros não têm”⁸⁰.

No caso brasileiro, a extrema-direita violenta, que foi *varrida para debaixo do tapete* após a redemocratização – mas nunca plenamente

.....
79 Laclau 2013.

80 Beck 2003, p. 94.

combatida –, se coloca como o contrário “*a tudo isso aí*”: ao regime de direitos humanos, ao sistema partidário e parlamentar, ao sistema burocrático, corrompido e ineficiente que se distancia das verdadeiras necessidades e interesses populares, e que é responsável pela crise e insegurança sociais. Faz sentido que a unificação das demandas heterogêneas em uma cadeia de equivalência, para retomarmos Laclau ⁸¹, organize-se em oposição ao *petismo* e à corrupção. O neoliberalismo progressista dos governos do Partido dos Trabalhadores é a figura fantasmática da perda de referências e seguranças tradicionais: com eles é identificado um contexto de modernização e individualização institucional associado à destradicionalização da família nuclear, das relações de gênero, das sexualidades fixas, e assim por diante. É também ao PT que se associam, legitimamente, políticas neoliberais de flexibilização das relações de trabalho, reforma previdenciária, crise econômica, desemprego e perda de poder de compra. A entrada de novos sujeitos nos circuitos de consumo não lhes garantiu segurança social, mas pelo contrário, veio acompanhada de maior e mais intensa insegurança e endividamento. A piora em serviços de saúde, educação e segurança públicas era acompanhada de gastos públicos faraônicos com grandes eventos internacionais, e denúncias de esquemas de corrupção massivos – que atingiram todos os partidos do *stablishment* político-partidário.

Seja o morador da periferia das grandes cidades, seja a classe média e os pequenos empregadores, ou as elites econômicas; sem exceção, todos se sentem vítimas e querem respostas que punam os culpados pelas injustiças que afligem as “pessoas de bem” e trabalhadoras. Não esqueçamos que o requisito institucional para alguma forma de segurança é o trabalho produtivo individual, e enquanto todos se esforçam para realizar seus projetos biográficos e alcançar a realização pessoal, convivem com serviços públicos precários que lhes impõem gastos com planos de saúde, clínicas populares, escolas particulares e assim por diante. Ao mesmo tempo, denúncias de corrupções sistemáticas de um governo e que se autopromovia com políticas sociais vistas sob a lente do “estigma de parasitas do estado social” ⁸², que viveriam às custas e penas dos trabalhadores ou empreendedores *de bem*. Assim os “clientes dos serviços sociais” ⁸³ transformam-se, rapidamente, de objetos de

.....
81 Laclau

82 Beck 2003, p. 86.

83 Bauman 2008.

caridade em objetos de ressentimento e ódio acompanhando a precarização do trabalho assalariado, o colapso dos sistemas de previdência pública, e as crescentes demandas por proteção que são rechaçadas pelos *cofres vazios* do Estado⁸⁴. As *vítimas* das políticas neoliberais, da corrupção política e do apetite desenfreado dos bancos e assim por diante, passam “a bola do autoengano aos *outros* – mulheres, os pobres, países em processo de industrialização – enquanto se expõem a autolimitações pelo direito cínico de ricos e poderosos de suspender todo tipo limitação a si mesmos”⁸⁵.

Pode-se pensar que parte dos movimentos que se alinham ao populismo de extrema-direita reage à perda de privilégios de forma egoísta e cínica, mas esta leitura moralista é parcial e, no limite, equivocada. Há também um sentimento legítimo de insegurança, articulado pela vitimização e desejo de reparação – ainda que exagerados ou mesmo desorientados –, que faz parte da *nostalgia reacionária* e que não se restringe a indivíduos apegados a privilégios históricos, mas também atinge comunidades periféricas e mesmo pessoas que teriam se beneficiado pelos programas sociais do *petismo*. Pessoas que, apesar de ingressarem nos circuitos de crédito e consumo, ou terem alcançado o ensino superior, encontram também, ao final, insegurança, desemprego e dívidas como resultado direto das promessas não cumpridas do neoliberalismo progressista.

É este conjunto heterogêneo e fluido de indivíduos – as *vítimas* do processo de individualização –, portanto, que o discurso populista de extrema-direita organiza como sujeito político global⁸⁶, em torno do medo, da insegurança e do sentimento de inadequação. Estamos certos de que o *afeto* faz parte deste arranjo político, e das análises sobre os processos políticos em geral. Sobre isto há consistente literatura. Mais especificamente, quanto à lógica populista, segundo Laclau, o afeto se articula como uma catexia diferencial, fundamental à constituição das identidades populares, entendido o afeto como o investimento que liga a energia pulsional às demandas nomeadas pelo discurso populista *idem*. Demandas estas que, segundo Adorno, podem apresentar “objetivos irracionais e autoritários, que não podem ser alcançadas por meio de convicções racionais, mas somente através do despertar habilidoso de

.....
84 Beck 2000.

85 Beck 1998, p. 165.

86 Laclau 2013.

‘uma parte da herança arcaica do sujeito’”⁸⁷. Ainda seguindo as reflexões de Adorno sobre Freud, a discussão sobre o afeto na política nos permite, através da análise de dinâmicas subjetivas, “entender mudanças que são, na verdade, devidas às condições históricas objetivas”⁸⁸. Para Adorno, a conjunção entre a psicanálise dos afetos (do investimento diferencial das pulsões) e a análise sociológica foi necessária a um estudo do fascismo alinhado ao princípio da Totalidade. Mas “o momento pulsional manifesto ou recalcado encontra-se na objetividade social apenas como componente”, e não subsume por completo os fenômenos políticos, sendo fundamental pensar esta dinâmica sempre em sua perspectiva histórica e social.

Neste sentido, a emergência do populismo é típica de momentos de crises, não apenas econômicas, mas momentos de grande transformação social, usualmente associados à ideia de crise. Momentos em que a experiência subjetiva e a realidade social parecem desencontradas, ou quando as tensões sociais parecem insustentáveis, em uma sociedade “ameaçada pelas tensões a ela imanentes, [em que] crescem as energias orientadas para a salvaguarda da ideologia e são afinal redobrados os meios de preservá-la pela força”⁸⁹. Força que estrutura o discurso e as práticas dos governos populistas de extrema-direita.

A ascensão global do populismo revela um traço reativo do indivíduo individualizado, a contraparte político-subjetiva da crise estrutural objetiva do capitalismo contemporâneo⁹⁰, a negação⁹¹ ou deslocalização da política⁹². No Brasil – como nos EUA, ou no *Brexit* –, por exemplo, os eleitores posicionaram-se contra o *establishment* político e um arranjo de forças e interesses institucionais que remonta à década de 1990. Ao eleger um governo populista de extrema-direita, os brasileiros apostaram suas fichas contra “*tudo isso aí*” – o mote jocoso atribuído ao Presidente eleito Jair Bolsonaro, e que cumpria o papel de significante vazio para as demandas heterogêneas e flutuantes de seus eleitores. No limite, os votos em Bolsonaro foram votos de oposição ou protesto: “sob o fluxo

.....
87 Adorno 2015, p. 165.

88 Adorno 2015, p. 167.

89 Horkheimer 2015, p. 9

90 Fraser 2016

91 Laclau 2013; Lipovestky 2007; Lipovestky e Serroy 2011

92 Beck 2012

dessa contínua desconfiança e decepção (...) os leitores pretendem condenar tais práticas viciosas das elites e dos partidos governamentais, considerados 'incapazes', cínicos, apegados a seus privilégios e desprovidos de coragem política"⁹³.

Pensando a eleição de Trump nos EUA, Fraser afirma que a oposição central que orienta estes votos não é ao liberalismo, mas ao *liberalismo progressista*⁹⁴, a associação entre forças do capitalismo cognitivo e do capitalismo financeirizado de um lado, e os novos movimentos sociais, de outro. "Neste alinhamento, o que se entende por forças emancipatórias é efetivamente combinado às forças do capitalismo cognitivo e especialmente a financeirização. Aquele empresta seu carisma a este último" idem. Nos EUA, ideais como diversidade, multiculturalismo e empoderamento, deram verniz progressista a políticas públicas que dizimaram a segurança econômica da antiga classe-média, durante os governos de Bill Clinton. No Brasil, considerando as especificidades da formação social brasileira, algo bastante similar aconteceu com um profundo antagonismo entre pautas *progressistas* (feminismo, diversidade, políticas compensatórias) e pautas moralmente conservadoras – congregando desde valores familiares tradicionais e preceitos cristãos, até xenofobia virulenta e ações drásticas (poder-se-ia dizer criminosas) contra a criminalidade.

Retomando categorias zumbis⁹⁵ para organizar o espectro político, a eleição presidencial brasileira polarizou-se entre representações fantasmáticas da direita e da esquerda, aquela homogeneizada sob o signo do autoritarismo, da homofobia-machismo-racismo e assim por diante; e esta última identificada com um comunismo anacrônico e idiossincrático, às pautas progressistas, e culpada pela corrupção generalizada e falência do Estado. O *povo* constituído contra esta esquerda progressista e corrupta, contingenciou a heterogeneidade de suas demandas, reconhe-

.....
93 Lipovetsky 2007, p. 36

94 Fraser 2016, p. 282. Liv. trad., do original "In this alignment, what passes for the forces of *emancipation* are effectively joined with the forces of cognitive capitalism, and especially financialization".

95 Beck 2003 se refere às *categorias zumbis* – esta "expressão maravilhosamente feia" como diz Johannes Willms (idem, p. 17) – para criticar "a sociologia que se quiser enxergar além das categorias zumbis tem de reinventar o ofício da sociologia" (idem). As *categorias zumbis* são aquelas "cujo mundo imagético e os conceitos estão radicados no contêiner do Estado nacional" (idem), pelo quadro da sociedade industrial e da primeira modernidade.

cendo no PT ⁹⁶, por excelência, o agente da corrupção e degeneração do Estado e da sociedade, responsáveis pelo aparelhamento e inchamento da Administração Pública, serviços públicos insuficientes, pela insegurança urbana e no campo, pelos constrangimentos à empreendedorismo individual, pela crise econômica e pela crise de valores tradicionais, e assim por diante.

5. Considerações finais

Vivemos um momento de crise do *stablishment* político – que à esquerda deveria oferecer as condições histórico-materiais para a superação deste mesmo *stablishment* e luta por transformação sociopolítica. Concretamente, as disputas se dão em uma nova forma de *economia política da insegurança*, entre os atores tradicionais da política nacional e atores não-territorializados da economia mundial. Na ausência de projetos societais da esquerda e com a incapacidade dos governos de organizar a sociedade ⁹⁷; a rejeição aos grandes partidos e a ceticismo quanto à capacidade do sistema político-institucional em dar respostas aos problemas reais dos indivíduos contribuem para a emergência de *outsiders* ou políticos marginalizados com discursos violentos e populistas de extrema-direita. Mas governo algum conseguirá dar resposta satisfatória, uma vez que sua influência sobre a economia e o mercado de trabalho se reduz, e as condições de legitimidade e atuação democrática perdem na lógica neoliberal e para os atores globais da economia financeira. A política que se conforma com o *fim da história*, também vê no capitalismo irrestrito um estágio insuperável da sociedade, e queda assim paralisada, *pronta pra virar geléia* ⁹⁸.

Com a individualização, tudo parece possível e, ao mesmo tempo, nada parece dar certo ⁹⁹. E enquanto a extrema direita seduz os indivi-

.....
⁹⁶ O Partido dos Trabalhadores não apenas esteve à frente do Governo Federal por mais de 13 anos, como cumpriu no Brasil um papel similar ao Clintonismo na década de 1990, nos EUA. Uma Administração que articulou políticas de austeridade e assistencialismo, ampliação do crédito e do consumo, novos movimentos sociais e valores progressistas com uma política econômica voltada para satisfação dos interesses do capital financeiro e da indústria nacional – flagrada em vastos e repetidos escândalos de corrupção envolvendo o PT.

⁹⁷ Beck 2000.

⁹⁸ Referência à música de Chico Buarque, “Geni e o Zepelim”, parte do musical “Ópera do Malandro”, de 1978.

⁹⁹ Beck 1998.

duos com suas promessas vazias, a esquerda não apresenta alternativa possível para o capitalismo global e a democracia liberal. Por trás da rejeição à esquerda, que esteve no poder por treze anos, há uma experiência real de que, em vários aspectos, o sistema democrático-partidário liberal simplesmente não funciona. Mas demonstra também uma *paralisia intelectual*¹⁰⁰ da esquerda contemporânea pós-moderna que, por mais que evoque ideais da esquerda histórica, não leva a sério a oposição entre capitalismo e democracia idem, carece de projetos político-sociais alternativos que organizem a esperança por mudanças – como resposta à instrumentalização do medo e da insegurança – e vê no capitalismo estatal-nacional e democraticamente domesticado, o estágio final da sociedade¹⁰¹.

É preciso ter em mente que as condições sociais de emergência do populismo de extrema-direita não são intrinsecamente autoritárias, reacionárias, *neofascistas* e assim por diante. *Individualização* não significa *individualismo*, ainda que a dissolução das seguranças tradicionais e a centralidade estrutural das biografias institucionais possa levar a uma *individualização atomista* “que gira unicamente em torno do indivíduo isolado”¹⁰². O processo sócio-histórico de Individualização envolve simultaneamente o clamor por uma vida independente e realização pessoal, mas e ao mesmo tempo um anseio pela construção de laços de intimidade e comunidade, a busca por amor, companheirismo e solidariedade¹⁰³. Este anseio vem se manifestando, em grande parte pela *política de vítimas* e pela busca de identidades imediatas e estabilizadoras, de forma atomizada e orientada por valores neoliberais que corroem perspectivas coletivas inovadoras. A *individualização política experimental*, sufocadas pela falta de condições mínimas de existência material e segurança ontológica, o que inviabiliza uma *individualização política experimental*¹⁰⁴ vê os pré-requisitos da liberdade política sepultados sob *pás-de-cal* das formas políticas tradicionais que, como “*zumbis*” idem, se arrastam ameaçadoramente sobre as novas formas de organização política.

O que é fundamental é perceber que a relação entre política e indi-

.....
100 Beck 2003.

101 Beck e Grande 2010.

102 Beck 2003, p. 85.

103 Beck, Beck-Gernsheim 2002, 2017.

104 Beck 2003.

vidualização não aponta apenas para uma adesão em massa ao populismo (de extrema-direita). A negação dos partidos e da política tradicional é um reflexo histórico das transformações sociais contemporâneas. Os riscos da individualização não significam apenas ameaças, mas também abertura de possibilidades de individualizações inovadoras, e de um “*individualismo altruísta*”¹⁰⁵, cuja ação é baseada na defesa radical da vida como um projeto pessoal, com relevantes novas formas de co-atuação, co-organização e co-laboração, nas quais, tão “importante quanto se sentir parte é fazer a sua própria manifestação, é encenar a individualidade sem diluí-la no coletivo, sem colá-las em uma liderança ou grupo”¹⁰⁶. Vimos isto nas Jornadas de Junho de 2013 e nos levantes secundaristas, no Brasil, ou na campanha para as prévias democratas com Bernie Sanders nos EUA. O posicionamento político (e político-eleitoral) do indivíduo individualizado representa a contraparte político-subjetiva da crise estrutural do capitalismo contemporâneo, e da individualização das condições objetivas de vida.

As reações a estas novas manifestações individualizadas da política vão deste a mimetização artificial e às tentativas de cooptação ou *fagocitose* político-institucional, até a criminalização ostensiva e repressão brutal. O fato destes fenômenos escaparem às referências teórico-empírico de análise ou às experiências históricas da esquerda, leva à negação e empurra estas insurgências para a (extrema) direita. Ou, na tentativa de cooptação para a lógica dos partidos e da política tradicional, sepulta a novidade em nome de uma pseudo-intelecção ou sob justificativas de ação estratégica. No entanto, a esquerda se mostra incapaz de pensar (e assim buscar compreender) estes fenômenos novos com um olhar também novo, ou pelo menos aberto à novidade.

Não é apenas a direita que pensa a política a partir da disputa de posições de vítima e da organização do medo, mas também a esquerda – medo de retrocessos, de perder direitos, do fascismo, da mídia manipuladora, do imperialismo estadunidense e assim por diante – que abandona suas ambições políticas de transformação social e, assumindo a política como arte da administração competente¹⁰⁷, projeta como lideranças gestores do conflitos sociais que não pensam em superá-los, mas apenas geri-los. Talvez a tragédia da esquerda – que a extrema-direita soube

.....
105 Beck, Beck-Gernsheim 2002.

106 Nobre 2013, p. 144.

107 Žižek 2003, p. 25

aproveitar tão bem – seja sua incapacidade de fazer sonhar, organizar (sem sufocar) as esperanças e novas formas políticas inovadoras em torno de um projeto de transformação social que não assuma o capitalismo como fim da história ou estágio final da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

Adorno, Theodor 2015 Ensaios sobre psicologia social e psicanálise São Paulo: Editora Unesp.

Assis, Joaquim M. Machado de 1997 Dom Casmurro São Paulo: Klick editora.

Bauman, Zygmunt 2008 A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Beck, Ulrich 1998 Democracy without enemies Cambridge: Polity Press.

2000 The brave new world of work Cambridge: Polity Press.

2003 Liberdade ou capitalismo: Ulrich Beck conversa com Johannes Willms São Paulo: Unesp.

2007 'Beyond class and nation: reframing social inequalities in a globalizing world' The British Journal of Sociology, v. 58, n. 4, p. 679-705.

2007-a In the new, anxious world, leaders must learn to think beyond borders Disponível em <https://goo.gl/hkuJTR>.

2010 Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade São Paulo: Editora 34.

2012 A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva em BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S (org.) 2012 Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, pp. 11-87.

Beck, Ulrich; Beck-Gernsheim, Elisabeth 2002. Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences. London: Sage Publications.

2017 O Caos Totalmente Normal do Amor Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Beck, Ulrich; Grande, Edgar 2010 'Varieties of second modernity: the cosmopolitan turn in social and political theory and research'. The British Journal of Sociology. Volume 61 Issue 3.

Engels, Friedrich, Kautsky, Karl 2012 O socialismo jurídico. 2ª ed. São Paulo: Boitempo.

Fraser, Nancy 2016 'Progressive Neoliberalism versus Reactionary Populism: A Choice that Feminists Should Refuse' Nordic Journal of Feminist and Gender Research (NORA), vol. 124, n. 4, pp. 281-4. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/08038740.2016.1278263>.

2017 A eleição de Donald Trump e o fim do neoliberalismo progressista Disponível em <https://goo.gl/6EB9vy>.

2017-a Como o feminismo se tornou a empregada do capitalismo e como resgatá-lo Disponível em <https://goo.gl/e4gTcm>.

Hobsbawm, Eric 2009 O novo século: Entrevista a Antonio Polito São Paulo: Companhia das Letras.

2013 Sobre história São Paulo: Companhia das Letras.

Horkheimer, Max 2015 Teoria crítica (I): uma documentação São Paulo: Perspectiva.

Ianni, Octavio 2014 A era do globalismo 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Laclau, Ernesto 2013 A razão populista São Paulo: Três Estrelas.

Latour, Bruno 1994 Jamais fomos modernos Rio de Janeiro: Editora 34.

Leão, Thiago Marques 2018 Loucura, psiquiatria e sociedade: o campo da saúde mental coletiva e processo de individualização no Brasil 325 pp. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Lipovetsky, Gilles 2007 A sociedade da decepção Baurueri, SP: Manole.

Lipovetsky, Gilles, Serroy, Jean 2011 A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada São Paulo: Companhia das Letras.

Marx, Karl 2010 Manuscritos econômico-filosóficos São Paulo: Boitempo.

Marx, Karl, Engels, Friedrich 2007 A ideologia alemã. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846) São Paulo: Boitempo.

Nobre, Marcos 2013 Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma São Paulo: Companhia das Letras.

Salecl, Renata 2012 Sobre a felicidade: ansiedade e consume na era do hipercapitalismo 2ª ed. São Paulo: Alameda.

Sartre, Jean-Paul 1970 L'Existentialisme est un Humanisme Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

Susuki, Munenori et al 2010 'Individualizing Japan: searching for its origin in first modernity' The British Journal of Sociology, Volume 61, Issue 3, pp. 513-38.

Žižek, Slavoj 2003 Bem-Vindo ao Deserto do Real! São Paulo: Boitempo.

2010 Como ler Lacan Rio de Janeiro: Zahar.

2011 Primeiro como tragédia, depois como farsa São Paulo: Boitempo.

2012 Vivendo no fim dos tempos São Paulo: Boitempo.

2016 O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política São